

ULTIMA CARTA?

A Antonio Sergio

Meu querido amigo e camarada:

PRINCIPIAREI por esta afirmação que os homens gostam de repetir, para se darem a ilusão de que tudo o que acontece, dimana do seu querer: *ha cousas crueis n'esta vida!* Quando se dá qualquer facto desagradavel, o homem só o considera como autentico, depois de afirmar, pela palavra ou pela escrita, que ele, na verdade, aconteceu... E esta tendencia humana é uma especie de satisfação que damos a nós proprios das cousas más que nos magoam. E, além d'isso, se puzermos o mal, de alguma forma, sujeito á nossa vontade, fugimos assim, ainda que illusoriamente, a esse tragico espectro que assustava os proprios Deuses, — o inexoravel Fado!

Ha cousas crueis n'este mundo! O meu caro Antonio Sergio desde longos mezes me persegue de martelo em punho, encarvoada bluz de ferreiro, os grandes olhos negros faiscantes de metalicos brilhos, a face talhada em fumarentas expressões, todo n'um arremesso destruidor contra o meu *pensamento saüdosista*, contra a fragil e trémula Saudade, pobre e delicada Virgem, branca de panico, sob a lança dos judeus!

Ha mezes que vivo assaltado por tão horrivel pesadêlo, e o meu papel protector de S. José, planta-me de brancas a cabeça e, para que elas vicegem, orvalha-me a fronte de suor.

Cousas crueis d'este mundo! Deixe-me afirmar o facto brutal, isto é, autenticá-lo, para que eu tenha, ao menos, esta vaga consolação de o atribuir ao meu livre arbitrio e não á cêga e desalmada Fatalidade!

Sim: ha cousas crueis n'este mundo! E a mais cruel de todas é a sua ultima carta! Ah, meu caro Antonio Sergio, então, é no momento em que o seu feio vulto plutonico, vibrando contra mim os raios forjados para exclusivo uso de Jupiter, — despe miraculosamente o tenebroso habito infernal, deixando chegar aos meus olhos encantados a figura de Julieta, onde a beleza feminina atinge aquela altura que já fica além dos astros; — então, é n'um momento assim que me foge e diz adeus?!

Por isso, não me canço de pregar contra o culto exclusivo e mesquinho das pequenas realidades proximas! Veja o leitor como este culto endurece o coração e lhe dá requintes de maldade!

Sim: a sua ultima carta foi a conclusão fatal das anteriores, o dramático desenlace.

Emquanto o seu vulto era negro e aggressivo, não deixou de me perseguir, a mim e á Saudade...

Agora, chegado o momento da ausencia, transfigura-se em imagem de infinita beleza, a fim de que o alivio que eu deveria sentir, vendo-me em bôa paz e descanso alegre, se transforme em amargo sofrimento!

Mas quem me diz que não serei injusto? Quem sabe, meu caro Antonio Sergio, se o seu anti-saúdosismo deseja converter-se, á ultima hora, em fonte de saudade?

Todavia, o drama subsiste...

Pois Othelo, ao dizer-me adeus, se transfigura.
 Seu tragico perfil gravado em noite escura,
 De subito, amanhece!
 E o monstro, cujo vulto o Olimpo entenebrece,
 No momento sem fim da despedida
 Quando a noss'alma fecha os olhos, falecida,
 De si mesmo renasce, e é lirio a perfumar
 E rosa de tocar...
 E este meu coração
 Reza em voz alta mistica oração;
 De medroso se torna confiante,
 Enamorado e amante...
 E julga que a divina claridade
 N'ele se fez (olhae!) por toda a Eternidade!
 Mas, ó caso dramático, sem nome,
 Bem peor do que a peste, a guerra e a fome,
 Eis que a dóce Figura encantadora,
 Apparição da aurora,
 Desfeita em frias lagrimas se esvae,
 E aos meus pés de rochedo um raio acezo cae!

Para que apelar n'esta minha desolação? Qual o ultimo recurso? Resta-me a carta, a ultima, em cujas palavras madrugantes dir-se-há que paira a divina presença radiosa de Julieta, a mistica Sombra bem amada...

Vamos lê-la mil e uma vez, até que as lagrimas lhe diluam para sempre as inefaveis palavras que são estrelas... flôres... que sei eu?!

Mas deixemos Romeu, Ofelia e Othelo, essas figuras sempiternas do drama humano.

O meu caro Antonio Sergio, na sua carta de despedida, principia por declarar que o *Saúdosismo leva a Coimbra, á bôa retorica, ao curso juridico, ao comunismo do Estado, á Secretaria e talvez a S. Bento!* Como? E porque? Não percebo! Esta sua affirmação é grave, cruelmente injusta, de quem finge desconhecer, por completo, as minhas ideias!

A cultura do character portugûês, a unidade espiritual da Raça, realisando-se n'uma alta aspiração religiosa creadora de todos os

bons sentimentos de sacrificio, heroismo, fraternidade; — o retocar com tintas vivas a imagem delida da Patria; o dar ao Povo a consciencia do seu proprio sêr moral inconfundivel, levando-o a crêr n'um mais alto destino, sem desprezar (o que varias vezes tenho dito) a educação tecnica necessaria ao trabalho que produz riqueza; o desejar, emfim, tornar Portugal um sêr vivo com corpo e alma propria, original Presença entre as outras nações, — tudo isto, segundo o seu criterio, leva o nosso compatriota a bacharel parasitario!!!

Despertar as energias da alma, sem as quaes não ha trabalho fecundo, mesmo do sentido restricto da palavra, é, conforme a sua opinião, provocar o advento da Preguiça, é obra de retorica e de cavalleiros andantes retardatarios...

Essa, meu querido amigo, não lembrava ao Diabo! Mas lembrou-lhe a V. E não queria que lhe chamasse Oihelo!

O Antonio Sergio, no seu odio ao *Saúdosismo*, já lhe atribue os males de que Portugal soffre ha muitos annos, como se, acaso, ele fôsse antes de sêr... Olhe que o pobresito mal acaba de sair do bêrço. É ainda uma creança inocente, irresponsavel pelo crime dos maiores.

Ele nasceu para combater tambem os males de que fala o meu bom amigo. A sua espada, como a do Archanjo, é feita d'um relampago, enquanto que a do meu caro Antonio Sergio parece-me de pau. Eu explico, para evitar equívocos. As forças que, antes de tudo, desejo pôr em actividade, são as forças espirituaes, pois entendo que uma realidade só é verdadeira e fecunda, quando proceda d'um sonho bem amado, como o fructo procede da flôr.

Mas, se a realidade quer antepôr-se ao ideal originario, ela resultará uma cousa anemica e mesquinha, semelhante a um pássaro que nascesse d'um óvo... artificial.

O meu querido amigo é que está com a retorica, e a peor das retoricadas, a retorica *sub-verbo*, penetrando a essencia da palavra, a roer-lhe o espirito! Explicarei. Ha duas especies de retorica. Se uma, a epidermica, atinge apenas o vestuario do pensamento; a outra, mais insinuante, tenta substituir-se ao proprio pensamento. É o seu caso, meu caro amigo, e o de todos aqueles que insistem, por qualquer motivo, em considerar unicamente a face proxima e restricta das cousas, fingindo esquecer que todas as realidades, até mesmo as que nos ferem, são longinqua e espiritualmente elaboradas... É *n'esse longe espirital*, *n'esse Vago amanhecete*, que devemos dar inicio a qualquer obra, se o nosso desejo é penetrá-la de efficacia e duração, torná-la harmonica e fraterna com a existencia viva que é, por natureza, etérea, ondulante, indefinida, inimiga de rectilineos preconceitos e frias regras geometricas.

E o seu erro de considerar o effeito e não a causa, como ponto de partida, leva-o, na 1.^a nota da sua carta, a attribuir a actual prosperidade da França á distribuição pelos camponezes das terras da nobreza, á identificação da sociedade com o Estado, etc., como se tudo isso não fôsse o producto real d'um sonho anterior, — o sonho que animou os escritores do seculo XVIII.

Já vê que tenho razão. Eu quero, em primeiro lugar, imprimir actividade ás energias anímicas da Raça, para que ela crie o *seu* sonho redemptor, creadôr d'uma futura e bela Realidade. Claro que este sonho *tem de ser português* (e é sempre o meu caso) e não francês ou allemão . . . porque só poderá tornar-se util a um Povo o que ele proprio crear, dentro do seu meio, das suas qualidades racicas, tradiçções, sentimentos, etc.

O que é verdade em França pode ser mentira em Portugal. Se concorreu a destribuição da terra para a prosperidade francesa, na Grã-Bretanha aconteceu precisamente o contrario. A persistencia do morgadio é considerada a causa primeira do grande desenvolvimento colonial da Inglaterra. Cautela com as imitações! Não nos deixemos fascinar pela grandeza dos outros. De resto, ha varios modos de ser grande, para além do Comercio, da Navegação e da Industria . . .

Diz tambem que não devo odiar o Catholicismo e que o espirito da nova França é catolico. Porisso mesmo, é que eu não quero o Catholicismo. Eu só quero o que, por natureza, nos pertence. As velhas tradiçções religiosas da nossa Raça não são catolicas. A primeira igreja lusitana viveu independente de Roma durante muitos seculos. Nós chamavamos ao Papa o bispo de Roma. Foi Affonso Henriques que a subordinou á Curia, por interesses politicos.

A alma portuguesa é livremente religiosa, e a nossa igreja deveria ser livre tambem,—o que daria mais character e autonomia moral a Portugal. O Catholicismo é verdadeiramente hespanhol. De resto, eu não odeio o Catholicismo, como não odeio nenhuma religião. Todas representam formas, mais ou menos imperfeitas, d'uma viva tendencia eterna e superior da alma humana.

Na nota 3.^a o meu caro amigo estranha que eu não tivesse reparado na *educação ingleza, na justiça ingleza, na mentalidade ingleza*, etc. E estranha, porque? Pela simples razão de eu me referir na carta anterior, ás pontes sobre o Tamisa, e ás chaminés das fabricas! Eis o que se chama apanhar um argumento pela ponta dos cabelos! Quem lhe disse que eu não admiro, sobre tudo, na Inglaterra, o espirito nacional que soube encontrar a harmonia entre o Passado e o Futuro, a Tradição e a Evolução?! Oh, se admiro a alma ingleza! alma séria, silenciosa, profunda, nascida d'um raio de luar coado pela nevoa, em vagas scintilações de melancolia, sobre a agua d'um lago assombrado de arvores . . . Admiro-a e amo-a! sem que este amor destrua ou diminua o mais alto amor que eu dedico ao genio lusitano, esse templo de Tristeza, erguido nos Ermos, com a Saudade, lá dentro, a orar a um Deus Menino!

Ainda a respeito da nota 3.^a, não quero deixar de agradecer-lhe as maravilhas de Verbo que generosamente me attribue. É a primeira pessoa que de tal se lembra! Muito e muito obrigado pelo maior obsequio que tenho recebido em minha vida!

Oh, meu bom amigo! O meu verbo é humilde e . . . escuro!

É uma simples tunica de linho, mal talhada, esburacada, entremostando a sinceridade nua do meu pensar.

Maravilhas de Verbo! É bôa!

Refere-se depois o meu admirado e querido confrade á minha concepção *simplista, poeticamente ingenua*, emfim, á celebre *sancta simplicitas*, latina frase arrancada aos labios magicos do Fausto que que foi o maior ingenuo d'este e do outro mundo!

Não deu ele a alma ao Diabo por uma noite de amor? Eis ahi a Ingenuidade, — o sacrificio do que é eterno por um efémero instante que encerra, dentro do seu relampago fugitivo, isso que vale mais que a Eternidade!

Ser ingenuo . . . ser ingenuo . . . é ser! Eu só conheço uma cousa desiludida — o esqueleto.

Não imagine o meu querido amigo que meia duzia de estatisticas e de nomes e de factos (inclua mesmo toda a sciencia!) metidos na cachimonia, despem a creatura do seu vestuario de innocencia, da fatiota edenica talhada em folhas de hera.

Ilusão! A innocencia é, em nós, profunda, estructural, organica, e tem só como inimigo o Espirito, esse Demonio que se ri de Deus, depois de sondar com a garra adunca as ôcas entranhas da sua obra.

Nem se julgue despido de ingenuidade, quando quixotesca-mente (o que é *sympathico*) esgrime com a sua alfangica estatistica contra os Tenorios do planeta!

Sancta simplicitas! Sancta simplicitas! tu és a propria essencia da Vida, o claro espelho fiel onde tudo se reflecte!

A Luz é ingenuidade, e a Côr e o Som! A Virtude é ingenuidade e o Crime é ingenuidade. O mundo é uma esfera de innocencia gravitando atravez da infinita innocencia do Infinito.

No meio da simplicidade que nos cerca, eu só vejo uma face desiludida, êrma de innocencia, cadaverica — e essa face não é a sua, com certeza, meu querido amigo, e ainda bem! — é a face mortal da Lua, essa Caveira fosforescente, radiando o pavor, o medo e a tristeza, a agoreira antevisão do Fim, n'este banquete deslumbrante dos mundos, a que preside o Rei-Sol.

Sim: eu quero ser ingenuo, e mesmo, se possivel fosse, ridiculo, quixotesco, *delirante*, para me servir d'uma frase sua; mas isso é tão difficil! Tal estado só o conseguem os Deuses!

Em seguida, o meu caro amigo insiste em dar um valor nacional ao movimento mistico italiano do seculo XIII. Toda a alma d'esse movimento foi *um homem* excepcional, o maior depois de Cristo. De resto, a sua influencia atingiu varias raças, porque era divina . . . Mas esse movimento mistico não foi nacional, nascido da alma d'um Povo. Obra d'um homem sublime, com ele baixou á sepultura. Morto S. Francisco de Assis, as suas cristãs comunidades logo se deixaram absorver pelo catolicismo romano. *O Franciscanismo* passou pela Italia, como o Christianismo pela Judeia. Aquele regressou ao catoli-

cismo pagão—ao Vaticano, e este, á sua velha Lei de Moysés,—á Sinagoga.

Eu não deturpei as suas afirmações. Contestei-as. Nem praticaria tal peccado! Escuso repetir-lhe quanto o estimo e considero e admiro para respeitar (embora delas discorde) as suas ideias nascidas d'um belo e culto espirito que muita honra, não só a Renascença, como o actual meio portuguez a que pertence. É o meu querido amigo um dos mais lidimos caracteres e lucidas inteligencias do nosso tempo e ainda aliados a uma fina sensibilidade poetica, prepositadamente occulta sob ferrea couraça de combatente, contra a qual o meu Saúdósismo esgrime, nas suas horas mahometanas em que Deus tambem comanda exercitos.

Peço-lhe, com o maior interesse, que não abandone o logar que tanto honrou e distinguiu n'esta revista. Continue ahi a expôr as suas ideias, que, da minha parte, encontrará sempre o mais amigo e admirador adversario. E deixe-me dizer-lhe alegremente que nos encontramos, em guerreiro convivio, no odio ao *bacharelismo*. N'esta palavra se resume toda a nossa doença nacional. Mas quem criou semelhante specimen foi a decadencia do caracter portuguez, o *estrangeirismo*, que nos tornou amorfos, indecisa materia inerte. O bacharel é composto de umas theorias juridico-sociaes imporadas pelo correio, ignorante completo da tradição espiritual da sua taça, que ele não pode amar, porque a não conhece. Não sabe d'onde vem nem para onde vae. É celula d'um corpo, mas desligada e resêca, longe da sanguinea corrente que vivifica, insensivel ao Todo de que deveria fazer parte... No meio dia da sua juventude, é já um sêr crepuscular. Passou, quasi insensivelmente, da alegria de viver ao tedio de existir. Intellectualmente, o pessimismo, um pessimismo de origem funebre, é que o salva. O phantasma ri-se... conquista assim uma attitude superior, sem reparar que o seu proprio riso o não toma a sério... Não anda acordado; somnolentemente divaga ao sabor do zéfiro que é, n'este caso, o *influyente conterraneo*, um outro bacharel em automovel, que se mexe, e fala,—um bacharel com lingua e pernas... mais dentro da zoologia. Às vezes, o bacharel faz versos sentimentaes... vagas palavras anemicas vagamente enfileiradas. É o odio á Inspiração. Faz-se poeta a ver se destroe a Poesia, porque, sendo ele um sêr destruido, é, por vingança, uma causa destruidora. Chimerico vulto de tedio e pessimismo, ha n'ele uma cousa viva apenas,—o estomago. Ganhar o pão de cada dia impõe-se. Como? Galopinando, que é officio leve. Sentimentos de sacrificio, o patrio amor—tudo isso é fumo para a sua alma isolada, apenas individual, sem o menor ponto de contacto vivo com a alma do seu Povo. Eis ahi o mal! O mal é o isolamento, não do resto do mundo, mas da propria terra natal na lembrança do seu passado e no desejo, na esperança, do seu futuro.

É necessario opôr ao bacharel inerte o portuguez activo, ancioso, em sobresalto de alma revelada. Quando ele atingir este grau de vida, de vida humana e lusitana, o resto (trabalho, industria, agricultura, etc.) apparecerá espontaneamente. A questão é que o sol es-

plenda no infinito. Logo as sementes germinam, as flores desabrocham e os fructos amadurecem, como por encanto. Antes de tudo, o sol no espaço e a alma na creatura. A realidade é sonho que se condensa e não é sonho a realidade evaporada. O beijo nupcial é anterior ao filho, a flôr anterior ao fructo, a nevoa anterior á chuva.

Alma! Alma! Alma! é o que nos falta, meu caro Antonio Sergio! Alma que nos eleve da chateza e do vulgar, d'este pantano burguez e bacharelento, d'onde possamos ver, com os nossos olhos lusitanos, mais belos horisontes, vida mais alta, *mais nossa* e mais perfeita.

E, agora, desculpe a estopada d'esta longa missiva, e receba um grande abraço, não de phantasma omnipresente, mas de ser vivo, para quem ha distancias de terra e agua, que ele desejaria percorrer, afim de o abraçar em pessoa, ahi, n'essa formosa cidade suissa . . .

Camarada e amigo,

Teixeira Soares

Post Scriptum:

Recebi agora a gentil oferta da sua conferencia—O Problema da cultura e o isolamento dos povos peninsulares—proferida na cidade do Rio de Janeiro.

O eu discordar de alguns pontos de vista, não me proíbe reconhecer o seu valor. É, sem duvida, um trabalho honesto e inteligente, e o contrario seria, para nós, uma surpresa.

Tem a sua conferencia um grande valor. N'ela aparece, bem nitido, o seu pensamento anti-saudosista, que eu vejo apoiar-se n'um mal entendido que, entre nós, existia.

Ha na sua conferencia, uma palavra magica, até aqui misteriosa para mim, mas que se revela agora com a maior nitidez.

Refiro-me á palavra *purificação*.

Realmente, eu não podia compreender o odio a esta palavra, emquanto ela significasse, como no meu pensamento, o resurgir da alma patria dentro das suas nativas qualidades ou antes de acordo com a sua propria natureza, a fim de ela assegurar a nossa independencia espiritual, dando á raça o dom creadôr e assimilador em opposição ás deprimentes, siamêscas tendencias imitativas, que constituem a vil degenerescencia d'aquelle dom precioso.

Mas, afinal, a palavra—purificação—aparece-me, nas paginas da sua conferencia e nas frases dos autores citados, como significando a guerra do catolicismo intransigente ao livre espirito religioso e scientifico! Na verdade, tal purificação foi realisada pelas fogueiras inquisitoriaes que, tentaram queimar, para sempre, na Iberia, pre-

cisamente esse espirito original, creador e livre, não catolico, nem romano,—esse espirito que é a propria essencia da Saudade e da Anyorança e que tem como terra natal Portugal e a sua irmã Catalunha. Ora, esse espirito melhor ou peor formulado, meu caro Antonio Sergio, é o Saudosismo que eu defendo! e essa purificação sua inimiga, é o seu catolicismo! Vejam lá!

Fala tambem na palavra *isolamento*.

Dá-se a mesma cousa com esta palavra. Na sua conferencia e autores citados, ela traduz o mêdo dos nossos catolicos inquisidores a tudo o que viesse das regiões infestadas de heresia. Mas não odiavam a Europa: odiavam, Erasmo, Lutero, o anglicanismo, Calvino, etc.

Para mim, a palavra Isolamento quer dizer: evitar o nosso espirito de contagios deleterios, que o adoeçam no seu caracter original; mas nunca, de maneira alguma, eu defendi a quebra de relações com o resto do mundo. Cada povo tem as suas qualidades especiaes que mutuamente se estimulam e completam. E estas *qualidades especiaes* é que é preciso conservá-las sempre acezas. D'elas resulta a riqueza, a variedade, o ritmo da Civilização em geral.

A *purificação e o isolamento de que fala*, nada têm com as minhas ideias. Sim: nós devemos importar o que nos falta agricola, industrial e scientificamente, sobre tudo; isto é, o que constitue o corpo d'uma civilização . . .

Alma creadora de novas ideias e sentimentos, temos nós. Revelêmo-la, que ela dará ao mundo, não a materia d'uma civilização, mas o espirito, a flôr . . .

A *ideia individual, racional, artificial, da Renascença italiana*, tornou-se, na raça portugueza, *genio popular, força viva, instinctiva*, capaz, portanto, de definir socialmente, um dia, o que tem sido, desde seculos, isolada e perdida aspiração de algumas almas. O genio portuguez está, como o de nenhum povo, na logica da Renascença italiana ⁽¹⁾—essa promessa imorredoura d'uma nova Civilização.

Com injustiça o meu caro amigo escreveu o seguinte periodo que vem a pag. 14 da conferencia:

«Pululam hoje na mocidade os defensores do Isolamento, que querem limitar a certos tons nacionalistas não só a lira dos tropeiros (o que não discuto) mas o proprio pensamento e actividade nacional. Significaria isso, sem duvida, insistir no maior erro consciente dos nossos antepassados».

Insistir no que ha de injusto n'estas palavras, torna-se inutil depois do que atraz dissemos, que é, afinal, o que temos dito sempre.

Outras suas affirmações, de menos importancia, poderia contestar, mas esta já vae longa; e, além d'isso, julguei dizer o bastante

⁽¹⁾ A ideia-mãe da Renascença vem desde os tempos mais antigos da Grecia, ora oculta, ora revelando-se nas obras de certos escritores (sobretudo dos escritores modernos) mas só atingiu uma expressão colectiva, popular, na raça portugueza. D'ahi o grande valor da Saudade, onde encontrou a ideia-mãe da Renascença, o seu corpo de lembrança e desejo, sentimental, activo e creador.

ácerca do que é, na verdade, o *pensamento saudosista*, de muito mais alcance social, filosofico e religioso do que esse que o Antonio Sergio lhe quer atribuir.

Peço-lhe, emfim, que acalme um pouco o seu ódio ás Descobertas, ao genio aventureiro. Lembre-se de que o Brazil é hoje e desde muito tempo, a causa principal da nossa existencia. A paisagem portuguesa é muita bela; mas os seus campos são de terra pobre... Pouco valem as machinas, os processos scientificos da cultura, etc., em sêcas terras arenosas, que só as chuvas do ceu fecundam...

As margens dos nossos rios, quasi todas alcantiladas, morrem de sede á vista da agua, como o Tantaló. A nossa agricultura nunca poderá satisfazer ás nossas proprias necessidades... Temos de emigrar, meu caro caro Antonio Sergio. E esta visão fatal do destino, tornou-se na alma portuguesa em genio de aventura; deu-lhe velas para navegar em busca d'outras regiões mais felizes... Um belo dia, aportamos ao Brazil. E quando Pedro Alvares Cabral pôz pé em terra americana, firmou com o tacão da bota a nossa existencia futura. De resto, isso a que Antonio Sergio chama *energia caçadora e aventureira* foi uma forma natural, d'acordo com o tempo, com o instante historico, da actividade europeia. Emquanto nós conquistavamos a India para a vida mundial, os seus inglezes, francezes, holandezes, etc., conquistavam navios mercantes para exclusiva riqueza das suas pessoas...

O desenvolvimento da sciencia, a descoberta do carvão de pedra por um ferreiro de Gand, é que naturalmente converteram a anterior forma de actividade *em trabalho creador*, como lhe chama. Este descende d'aquela... Sejamos razoaveis. Tudo teve a sua época e o seu valor.

Muito teria a dizer ainda ácerca do seu valioso trabalho, mas esta já vae longa, repito, e o direito de massar os outros não faz parte dos *Direitos do Homem*.

T. P.